



Convite ao inusitado

A surpresinha e outros contos,
de Jorge Hausen

Veronica Filíppovna*

Quem teve a oportunidade de ler *A surpresinha e outros contos* (2009) certamente concorda que Jorge Hausen se firma como um dos mais significativos representantes da prosa contemporânea brasileira. Praticamente cada palavra de seu texto convoca para a reflexão sobre o mistério chamado homem.

Alguns classificam a obra como novela policial, outros lhe apontam nuances modernistas e há ainda aqueles que ressaltam suas supostas tendências realistas. Classificações à parte, resta um convite primoroso a se perscrutar o inesperado.

Então o livro é uma caixa de Pandora?

Longe de ser indecifrável ou impenetrável, incita o leitor, de maneira envolvente e apaixonante, a se deixar conduzir por um fluxo contínuo de surpresas. Sopro do desconhecido. Horizonte em gestação. Plenitude a fulgurar na palma das mãos. Experienciação de mundos em acontecimentos incessantes.

O charmoso bairro de Santa Teresa, o carnaval carioca, o arquétipo do malandro, o espírito aventureco da Zona Sul do Rio de Janeiro configuram, no gosto pelas letras do geólogo-escritor, universos em infinitas possibilidades de realização. “Nada explícito, tudo velado” (p. 155). Nada guardado, tudo desoculto. Ora, a compreensão do *leitmotiv* do

* Mestranda em Poética (UFRJ).

poético está além dos adjetivos. Para apreendê-lo é preciso atentar para o desconhecido e deixar-se tocar pela memória do que aparentemente não tem sentido.

É importante ressaltar que na obra a memória não diz respeito apenas às lembranças do passado. Trata-se de uma memória originária na qual o passado está plenificado no presente e o presente somente acontece porque concretiza o futuro. Dito em outras palavras, mais que reminiscência, a memória é vigor de manifestação. É acontecimento que não requisita princípio ou fim. Força de nomeação que consome o inesperado no esperado, faculta ao homem ser.

O livro se destaca como “uma ótima companhia”, haja vista requisitar “sempre novidade interessante” (p. 157), que deixa “a cabeça em profunda desordem”, sendo “impossível fixar um raciocínio” (p. 96). Isso decorre de que cada trama anunciada rompe com qualquer expectativa de desfecho lógico-causal. A impressão é de que cada personagem cria uma tensão, ou seja, um jogo de revelações e ocultações em si mesmas e com o outro. O segredo para acompanhar esse jogo é “uma questão de sensibilidade” (p. 52), acrescida da entrega ao imaginário.

Se, contudo, a pretensão era de que o livro

deveria ser *soft*, que não gerasse polêmica nem constrangimento e, principalmente, sem conflitos de família, mas não água-com-açúcar ou mijo-de-freira, como se diz das coisas insípidas e inodoras. Alguma coisa que desse pra rir, divertir a gente, mas não besteiro!... Bom resultado de cara (p. 159),

Hausen conseguiu. Agora é “tão somente isso, nem uma vírgula a mais” (p. 129).

Tudo são surpresinhas.